

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... in Christu Jesu.

AD PHILIP. 3. 12.

ID. 13. 14.

SUMMARIO:—*Um quadro sem nenhuma graça*, por Teixeira de Freitas; *S. Pedro Principe dos Apostolos*, por J. C. de Faria e Castro.—Secção Religiosa: *A União Catholica*—*A Voz da Igreja através os labios de S. Ex.ª Rev.ª o Sr. Bispo do Funchal*—*A Devocão ao SS. Coração de Jesus*; *Visitação de Nossa Senhora a Santa Izabel*, por C. D. Grillo.—Secção Critica: *O Liberalismo é peccado*, por M.; *Que será um deista?*, por Alves d'Almeida; *Necessidade da educação religiosa, a proposito do Collegio de Santa Quitéria*, por A. H.; *Massonaria*, por Dom Antonio d'Almeida.—Secção Litteraria: *A oração, poesia*, por A. Moreira Bello.—Secção Illustrada: *S. Thomas d'Aquino, Dr. da Igreja*; *Mosteiro de Santa Maria de Leça de Baílo*, por R.—Secção Necrologica.—Retrospecto da Quinzena, por J. de Freitas.

!!!!!!

Passando ha dias revista ao livro das assignaturas do *Progresso Catholico*, achamos em aberto 4:264 annos, o que dá uma cifra de 2:558\$400 reis.

Além d'isto temos outras contas em aberto no valor de alguns contos de reis, o que nos faz uma differença assás consideravel, pelo facto de não sermos millionario. Pedimos pois a todos os assignantes do *Progresso Catholico*, em divida, o favor de mandarem satisfazer com a maxima brevidade os seus debitos, e igual pedido fazemos a todas as pessoas que teem conta n'este centro de propaganda, pois que o *barco* pode encalhar á falta de *carvão*, e de *vento* proprio.

Vamos em breve mandar circularés a todos, lembrando-lhes a quantia em divida, e confiamos que seremos attendidos.

Alguns a quem temos enviado aviso e nos não tem respondido, na incerteza de que estejam na mesma localidade, vamos publicar-lhe os nomes, e pedir aos nossos leitores das diversas terras do paiz, noticia da sua residencia, para empregarmos todos os meios a fim de obter cobrar as quantias em divida. Notem que n'este caso estão só os que tem sido surdos aos nossos avisos.

Sendo o nosso programma de sempre pagarem as assignaturas adiantadamente, não alteramos o programma; mas as assignaturas que no 10.º anno não forem pagas adiantadamente custarão 1\$000 reis, porque o excesso é para pagar a quem faça a cobrança.

Teixeira de Freitas.

UM QUADRO DE NENHUMA GRAÇA

GUIMARÃES 30 DE JUNHO DE 1887

S. Pedro Principe dos Apostolos

Fundação da Igreja

«... Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja...»

S. Math., Cap. XVI, v. 18.

O cumprimento da sua missão divina, e achando-se n'uma occasião só com os Apostolos, Jesus quiz experimental-os na sua fé, e perguntou-lhes de repente: «Quem dizem os homens, que é o Filho do homem?» Elles responderam: «Uns dizem que João Baptista, mas outros que Elias, e outros que Jeremias, ou algum dos prophetas.» — E vós quem dizeis que sou eu?» disse-lhes Jesus. Simão Pedro respondeu:—«Tu és o Christo, Filho de Deus vivo.»

Então disse o Mestre: — «Bemaventurado foste, Simão, filho de Jonas, porque não é a carne e o sangue quem t'o revelou, mas sim meu Pae, que está nos céus.»

A qualidade de «filho de Jonas» dada ao Apostolo, recebe da circumstancia uma importancia excepcional. Filho de Jonas quer dizer *filho da pomba*. Não se trata aqui, do pae de Simão Pedro segundo a carne e o sangue, mas da graça que recebe Pedro e pela qual o Espirito de verdade, a *Pomba* que no Jordão veiu sobre Jesus, origina no Apostolo a palavra da verdade.

Jesus accrescenta: «E tambem eu te digo, que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ella. Eu te darei as chaves do reino dos céus. E tudo o que ligares sobre a terra, será ligado tambem nos céus: e tudo o que desatares sobre a terra, será desatado tambem nos céus.»

Depois d'esta declaração e promessa, mandou expressamente aos Apostolos que não dissessem a ninguem que elle era Jesus Christo. Mas logo, sem dar-lhes tempo a que forjassem qualquer imagem lisongeira da gloria que os esperava, rasgando o véo do porvir, o Christo aponta-lhes o Calvario: «Elle principiou desde então a declarar-lhes ser necessario ir a Jerusalem, soffrer a Paixão, ser condemnado pelos Anciãos, pelos Principes dos sacerdotes e Escribas, ser morto, para depois de morto, por elles resuscitar ao terceiro dia.» Assim lhes fallou abertamente. Pedro não pôde comprehender.

—Não, Senhor, exclamou elle, Deus tal não permita! não, isso não ha de succeder contigo! Mas Jesus, olhando para os Discipulos, repeliu a Pedro, dizendo: «Retira-te de diante de mim, Satanaz! que me serves de escandalo;

porque não tens gosto das causas que são de Deus, mas das que são dos homens.»

Pedro, que sabia que Jesus via o amor do seu coração, não redarguiu e nem se justifica; mas os outros como elle, ficaram silenciosos.

Ao depois, mandando approximar o povo fallou-lhe nos termos os mais sublimes, que excedem em magestade divina tudo o que possam dizer os senhores do mundo: «Se alguém me quer seguir, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e venha após mim: pois o que deseja salvar a alma ha de perdê-la; mas o que perder a vida por amor de mim e do Evangelho, salvá-la-ha.»

Eis aqui o que foi dito n'esse dia, na estrada que passava aos arredores de Cesaréa, que não existe hoje. Foi assim como Jesus trouxe á terra um fogo novo, educava Pedro, os Discipulos e o mundo, ou melhor creava uma nova humanidade.

* * *

Aquella scena passou-se no curso da pregação do Salvador, e antes da sua Paixão. Ella não contem, com relação a Pedro, senão uma promessa: «*Eu edificarei... eu te darei...*» Mas o mysterio da Redempção é realiado, Jesus Christo resuscitou; mostrou-se, e dá as suas ultimas instrucções aos seus Apostolos;—Elle vae deixar a terra, que seu pé toca pela derradeira vez. Aqui devemos esperar coisa mais positiva.

«Tendo elles pois jantado, perguntou Jesus a Simão Pedro: Simão, filho de João, tu amas-me mais do que estes?» — Pedro respondeu: «Sim, Senhor, tu sabes que eu te amo.» — *Apascenta os meus cordeiros*, redarguiu Christo.

Outra vez tornou a perguntar-lhe: «Simão, filho de João, tu amas-me?» e elle repetiu a primeira resposta pelas mesmas palavras; *Apascenta os meus cordeiros!* repetiu Jesus.

E insistindo terceira vez, entristeceu-se Pedro, e replicou: «Senhor, conheces tudo, e sabes que eu te amo!» *Apascenta as minhas ovelhas*, concluiu o Mestre.»

Jesus quiz fazer apagar as tres negações de Pedro, por tres protestações do seu amor.

E' então que Jesus Christo realisa a fundação da sua Igreja, e que Pedro, que havia sido até então só o pontífice nomeado, recebe a investidura pontifical com estas palavras tres vezes repetidas: *Apascenta as minhas ovelhas, apascenta os meus cordeiros!*

Que pode haver de mais formal?

* * *

Herdeiro da auctoridade suprema, Pedro, aos quarenta e tres annos de eda-

de, justifica o seu titulo de Principe dos Apostolos e toma dignamente posse do governo das almas, quando imperando sobre as paixões do povo de Jerusalem, que o accusava de estar «tomado de vinho», chamou ao baptismo tres mil convertidos dizendo-lhes:

«Sabei pois, ó filhos de Israel, que Deus o fez não só Senhor, mas tambem Christo a este Jesus, a quem vós crucificastes.»

D'aquí em diante Pedro vae de triumpho em triumpho até ao seu martyrio, que lh'é a coroação.

Depois de haver aberto a Igreja aos Judeus, abriu-a aos Gentios. Depois de governar em Jerusalem, governa em Antiochia e transfere ao depois para Roma a cadeira da sua Primazia.

De Roma, como de um astro luminoso, partem os raios que vam diffundir a fé á Alexandria do Egypto, á Italia, ás Galias, ás Hespanhas, á Africa, á Sicilia, e ás ilhas circumvisinhas.

Em Jerusalem, Pedro toma solemnemente posse do seu pontificado quando, presidindo ao *Concilio de Jerusalem* que ali convocaram os Apostolos no anno 50 de Jesus Christo, se levantou e disse:

«Irmãos, sabeí que ha muito tempo que Deus me elgeu entre vós assim de que os gentios ouvissem da minha bocca a palavra do Evangelho.»

Depois põe a sua responsabilidade a salvo sob a auctoridade infallivel do Mestre: aos Judeus que lhe lançavam em rosto o ter baptisado os gentios, Pedro respondeu: «Que sou eu pois para oppôr-me a Deus!»

O momento do ultimo triumpho approxima-se. Nero impera, e Nero mata muita força de christão para não querer a morte de S. Paulo que faz muito proselytismo, e a de S. Pedro que governa a christandade.

Pedro e Paulo são encarcerados: a Paulo, como cidadão romano, é-lhe cortada a cabeça á espada no mesmo dia (29 de junho do anno 66); e Pedro morre crucificado, mas crucificado, a seu rogo, com a cabeça para baixo, porque se dizia indigno de morrer da mesma sorte que seu divino Mestre.

O corpo de S. Pedro descança no Vaticano.

* * *

Anexas ao Novo Testamento vêem-se duas Epistolas attribuidas a S. Pedro; a 1.ª — é celebre pelo rigorismo da doutrina e a energia do seu estylo; duas particularidades verdadeiramente dignas do Principe dos Apostolos.

Na 2.ª, é muito para admirar-se as expressões de uma exactidão e de uma força immortaes: por exemplo estas palavras que descrevem os falsos doutores:

«São umas fontes sem agua, e umas nevoas agitadas de turbilhões; para os quaes está reservada a obscuridade das trevas... Promettendo a liberdade, quando elles mesmos são escravos da corrupção.»

A Igreja não chora os seus Principes. A Igreja glorifica os seus Martyres! Depois do martyrio de S. Pedro, caíram os imperios sobre os imperios, brilharam um momento as raças dos reis para cair no olvido: só a Barca dos Pescador tem arrostado com todos os perigos.

Vam já decorridos quasi desenove seculos, e o successor de S. Pedro é sempre o chefe supremo da christandade.

J. C. de Faria e Castro.

SECÇÃO RELIGIOSA

A União Catholica

A Voz da Igreja atravez os labios de S. Ex.ª R.ªª o Sr. Bispo do Funchal

A DEVOÇÃO AO SS. CORAÇÃO DE JESUS

(Continuado do n.º anterior)

EM comtudo acceitarmos esta só explicação do especial affecto ao nosso divino Redemptor, podemos insistir em que o homem é muito maior e muito mais veneravel pelos dotes do coração do que pelos do espirito.

E sempre assim tem sido, mas de um modo eminentemente superior no mundo christão.

Compulsando a historia de todos os povos lá se descobrem vestigios mais ou menos salientes d'esta verdade. Sempre que se tem querido representar o emblema do amor se ha desenhado um coração. Descobrem-no os antiquarios nas necropoles do Egypto e de Roma, entre os povos Etruscos e Gaulizes, gravado em objectos de uso diverso, nos adornos e adereços, nos vasos sagrados, nos proprios sepulchros.

Na Biblia, porém, e ao depois na historia do povo christão, esse appello aos sentimentos do coração, essas manifestações de apreço e enthusiasmo pelos doces affectos são immensamente superiores a tudo quanto nos offerece o mundo pagão. Tanto mais que tudo isso era apenas o preludio de uma outra manifestação mais vehemente e expressiva, a saber a entrega ou o legado do proprio coração de um heroe, d'um sancto, d'um amigo dedicado, feita a um logar, a uma familia, como para bem fazer sentir a intensidade do affecto a esse logar ou familia; para

eternisar o sentimento do amor, unil-o para sempre ao objecto amado e dizer com a maior eloquencia o que essa alma sentiu e o que desejava que por ella sentissem tambem. Ha muitos d'estes exemplos notaveis, convertendo-se essas reliquias da amizade a mais sincera em objectos de um culto especial, e contribuindo as artes para o tornar mais esplendoroso encerrando esses corações em urnas preciosas, collocadas em grandiosos monumentos.

E certamente n'estas manifestações o homem não faz mais do que corresponder aos sentimentos que o proprio Deus gravou na sua alma. O amor mais puro e desinteressado é o tributo unico e precioso que o Senhor reclama de suas creaturas. (1)

As riquezas, honras, poder, glorias, tudo isso é mesquinho, de somenos valor aos olhos do Creador; mas ao contrario é o coração que elle pede com o maior empenho: meu filho, diz o Senhor, dá-me o teu coração—*Praebe, fili mi, cor tuum mihi*. E certamente por que o sacrario dos affectos é o coração.

Não deve por tanto admirar que, ao apparecer no mundo um Coração que era pleno de amor pelos homens, e amor tão vehemente que levou a todos os excessos e sacrificios, esquecido completamente de si para só valer aos outros, dando por elles a vida, esgotando todo seu sangue; não deve maravilhar-nos que se lhe rendessem milhares de corações e a que por Elle se tivesse o mais vivo enthusiasmo e por Elle tambem houvesse sacrificios e dedicações sublimes!

Mesmo que fôra um coração de homem se lhe teriam levantado templos, quanto mais sendo o Coração do Homem Deus! Mais do que as homenagens e as admirações decretadas a esse Coração era forçoso adoral-o. E assim foi.

«Por que só é verdadeira e digna e nobre e sublime a religião do amor divino. Ha ou tem havido religiões que adoram a sabedoria, outras que prestam culto ao prazer, algumas mesmo que só se curvam ante a força, quantas que se encerram na abjecção mais hedionda, adorando os seres inferiores e repugnantes!

«O christianismo só é a religião eterna do amor. Se eu digo a um homem: «eu o estimo, não posso acaso dizer-lhe outra coisa? Exclamava um orador distincto. Sim, por que posso dizer-lhe: «eu o admiro.

«E se digo a um homem: eu o admiro; «não posso dizer-lhe alguma outra coisa? «Sim, por que posso dizer-lhe: eu o venero. E se lhe tenho dito: eu o venero; «não poderei dizer-lhe outra coisa? Acaso terei n'esta expressão esgotado a

«phrased completamente? Não; posso ainda dizer-lhe uma coisa, só uma, a ultima de todas. Posso dizer-lhe: eu o amo. Dez mil palavras vem antes de esta, nem uma só ha depois d'ella em qualquer lingua que seja; e desde que uma só vez ella foi dita a qualquer homem não ha senão um recurso, é repetir-a sempre.» Do mesmo modo quando se tiver adorado o poder, poderá ainda adorar-se a sabedoria. Depois de adorar a sabedoria poderá adorar-se o amor; mas quando se tiver adorado o amor está tudo concluido. Ha só um unico recurso é adoral-o sempre.» (2)

Para sempre, por todos e em toda a parte, seja adorado esse Coração divino que por nós foi trespassado e morto, e que não morrera se nós não amara ou se nós o tiveramos sempre amado. Um Coração tão grande que n'elle se concentra o amor por todos os homens, e que não só o estende aos amigos, mas tambem aos inimigos; que detem a morte d'um fascinoroso justicado com elle só para alcançar-lhe a conversão e a eterna felicidade: que não respira senão compaixão pelo outro infeliz que o cobria de insultos, rogando o perdão para elle bem como para todos que n'aquella hora só respiravam odio e furor. Na hora terrivel d'angustias mortaes ha só palavras de perdão inspiradas pelo inexaurivel amor que o abraza. E como respirar vinganças, por justas que sejam, um Coração que expira á força de amor?

N'estes portentosos momentos de suas maiores misericordias o Redemptor do homem só faz supplicas a favor do homem. O ardente desejo de salvar-nos é a sede misteriosa que o atormenta cada vez mais á medida que a morte se avizinha.

Essa grande obra de amor estava architectada desde toda a eternidade, pois que ao ter creado o homem á sua imagem e simillhança, logo prometteu no paraizo a remissão do peccado de nossos progenitores, por longos seculos foi preparando esta obra por entre as magestosas sombras da lei antiga; desde a incarnação a foi executando até ser consummada sobre o calvario.

E o sangue precioso que correu de seu Coração amante nos acabou de abrir as portas do ceo, desarmou completamente a justiça divina, reconciliou o ceo com a terra, confirmou nosso direito á herança dos bens celestes e deu-nos allim nos sacramentos os meios poderosos e efficazes de conseguirmos essa eterna ventura a que aspiramos.

E' pois evidente que este divino Coração é o objecto mais digno de nossos cultos, por ser um oceano de amor;

(1) L'Abbé Bougand, Histoire de la bienheureuse Marguerite-Marie.

(2) Prov. XXIII, 29.

amor que vem já da eternidade e depois se manifesta d'um modo o mais eloquente em tudo quanto Jesus medita e executa desde o seu nascimento até á sua morte, depois até á sua ressurreição, d'ahi até hoje e se proseguirá por toda a eternidade. E' bem evidente que o divino Coração nos ama quanto um Deus pôde amar; isto é com um amor o mais terno, o mais generoso, o mais sublime, com um amor em todo o sentido incompreensível; com um amor, como elle mesmo diz, se não igual inteiramente, ao menos inteiramente semelhante áquelle com que sempre o amou o eterno Pae: *sicut di texit me Pater et ego dilexi vos.* (1)

Aqui, porém, abria-se agora campo vasto a considerações menos gratas, vendo-se surgir um espirito de opposição a este culto tão attrahente, tão encantador, tão natural ao coração humano. Como, pois, explicar essa repulsão e antipathias, que de certo se não levantariam quando se traclasse apenas de prestar homenagens ao coração d'um sabio, d'um politico, mesmo d'um conquistador?

E' por que ainda depois da Ressurreição e da Gloria se tem de repetir as scenas do Calvario. O divino Jesus foi posto para ruina d'uns e salvação d'outros, e é por isso o alvo da contradicção. (2) Para esgotar esse amor immenso não bastariam as iniquidades dos seculos passados. Mas deviam reunir-se-lhes todas as do mundo e do mundo todo até á consummação dos seculos. A cada momento se vae renovando a crucifixão — *Rursum crucifigentes.* (3)

Por isso o sacratissimo Coração se apresenta cercado de espinhos e encimado d'uma cruz. Apparece por tanto o symbolo do sacrificio e da immolação no golpe da lança, nas gottas de sangue, na corôa de espinhos e na cruz, como a caridade ardente se manifesta no throno de fogo em que descança e nas labaredas que d'elle saem. Bem se mostra assim tambem como o amor não pôde existir sem a dôr, ao menos n'esta vida do mundo, conforme a bella linguagem do livro da *Imitação: Et sine dolore non vivitur in amore.* (4)

Surgiram, pois, odios e desprezos contra este culto de amor, e ousaram dizer que era uma devoção nova, toda material e até absurda! Parece que se conspirava para derramar nas almas a aridez da descrença ou o veneno da impiedade, fazendo crer que não merecia nem affectos nem homenagens áquelle Coração divino.

Chamar-lhe devoção nova só porque

modernamente se prestou adoração a esta parte do sacratissimo corpo de Christo é comprehender mal a perenne fecundidade do amor. Ainda muito antes de que a Magdalena se ajoelhasse junto da cruz para oscular os pés sacratissimos alli pregados, já ella se ajoelhou aos pés do mesmo Senhor em casa de Simão, o Phariseu, e lhos regalara de lagrimas e limpára com seus cabellos, derramado sobre elles o balsamo precioso. E quando é que se interrompeu essa piedosa devoção de adorar e beijar os pés que por nós tanto se fatigaram? Depois prestou-se adoração á sua divina fronte coroada de espinhos, á sua face santissima sulcada de lagrimas, coberta de sangue. Quem pode achar proprio que se prestem cultos ao seu Coração, aquella parte de seu divino corpo onde tinham guarida as chammãs do divino amor; esse fogo intenso que vinha trazer ao mundo e que suspirava por vêr abraçar todas as almas? (5) O affecto não pode circumcrever-se em um circulo apertado, tende sempre a alargar-se e, engenhoso como é, procura sempre novas manifestações.

Devoção material só por que se adora a carne de Jesus? Mas haverá na pessoa do Salvador alguma parte que esteja separada da divindade? E' pois um contrasenso censurar as adorações prestadas ao divino Coração, quando se não podem censurar os cultos aos pés sagrados, á divina face, ás mãos poderosas, até á corôa de espinhos, até á cruz, objectos materiaes, mas dignos de estas homenagens só por que n'elles tocou de tão perto o corpo santissimo.

Mas por ventura estes censores escurpulosos não deixam certamente de prezar muitissimo qualquer pequeno objecto que lhes foi legado por um amigo; ainda mais uma memoria qualquer de seus paes, uma joia, um livro, um quadro.

(Continua.)

Visitação de Nossa Senhora a Santa Isabel

Et unde hoc mihi, ut veniat Mater Domini mei ad me?

(S. Lucas, cap. 1).

QUARENTA seculos havia, quando foram pronunciadas estas palavras, que uma só palavra do Omnipotente fizera sair do nada o universo. Quarenta seculos havia que a descendencia de Adão cobria a face da terra, formando esses poderosos imperios de que ainda

hoje o clarim da fama repercute as glorias, mas de que pouco mais resta que a historia. Symbolisados na estatua que Nabuchodonosor vira em sonhos, elles tinham na base o fundamento da sua ruina, porque a vaidade, o desconhecimento de Deus, a ambição, a immoralidade e o crime eram o pedestal sobre que assentavam.

Contribuíram, é verdade, o ouro, a prata, o ferro e o bronze para os fundar e engrandecer, mas lá tinham os pés de barro que os fariam baquear. Nino na Assyria, Nabuchodonosor em Babylonia, Cyro na Persia, Alexandre na Macedonia, Pisistrato na Grecia, Cezar em Roma, tinham elevado ao apogeu da gloria essas poderosas nações, já com o ferro e o bronze, já com o ouro e a prata, já com a politica e o commercio, já com a religião e a sciencia; e todavia esses gigantes caíam só com o sopro do tempo porque um cancro lhes roíra as entranhas e seria a sua morte, o qual, formando-se logo ao nascerem, não quizeram ou não souberam arrancar.

Foram, é verdade, o ferro e o bronze que os ergueram e fizeram grandes, mas foram elles a sua ruina, porque foram armas fraticidas com que estes povos se degladiaram. Foram, é verdade, o ouro e a prata que os tornaram ricos e poderosos, mas foram elles que precipitaram a sua queda, porque eclipsaram a sua razão, viciaram os seus sentimentos, lisongearam as suas paixões, lhes enervaram as forças, e produziram o ocio e a indiferença pelo bem. Foram a politica e o commercio que lhes crearam relações com os povos estranhos, e lhes fizeram aproveitar o que elles tinham de melhor em todos os ramos do saber humano; mas tambem foram elles que lhes acarretaram guerras interminaveis e provocaram a inveja dos povos visinhos. Foram emfim a sciencia e a religião que lhes adquiriram o respeito e a admiração do mundo inteiro, como na Grecia as theorias de Socrates e Platão, e em Roma as leis religiosas de Numa Pompilio; mas tambem foram ellas que, mal comprehendidas, lhes ensinaram que em logar d'um havia muitos *deuses*, que esses *deuses* estavam sujeitos a todas as paixões humanas, e que por consequencia o roubo, a embriaguez, a lascivia, a vingança, o exterminio do genero humano, em resumo, todos os vicios eram virtudes, porque todos elles tinham uma *divindade tutelar*; lhes ensinaram que os homens não eram todos eguaes, que uns eram senhores e outros escravos; que a mulher não era uma *companheira do homem*, mas sua escrava, devendo ser considerada como objecto de luxo e de necessidade unicamente para a reproducção da especie;

(1) Joan. XV, 9.

(2) Luc. II, 34.

(3) As Hebre. VI, 9.

(4) Liv. III, cap. 6.

(5) Luc. XX, 49.

que os filhos não eram filhos do seu coração, mas que podiam ser vendidos até tres vezes, e mesmo mortos, pelos paes em certos casos que a lei permitia.

Havia, pois, quarenta seculos que a sociedade assim era constituída, quando esses poderosos imperios, symbolizados na estatua do rei de Babylonia, deviam cair por terra, estando prestes a despedir da montanha a pedra que, batendo-lhe nos pés de barro, faria baquear a soberba estatua. Era então que na Palestina deviam nascer dois homens de humilde condição, que trariam ao mundo uma nova era, e deviam fundar uma sociedade que não havia de perecer como as anteriores, que não estaria assente sobre pés de barro, porque essa sociedade, segundo o sentir commum dos Santos Padres, era a mesma pedra que derribaria a estatua, isto é, a Igreja Christã. Esses dois homens eram—o Salvador do Mundo, Jesus Christo, e São João Baptista, seu Precursor, cujas mães, prima uma da outra, e ao tempo em que já tinham concebido seus Filhos, se deviam estreitar em doce amplexo por meio d'uma visita.

Estava assentado nos decretos do Eterno que a Virgem Maria, depois de Conceber, fosse visitar sua prima Santa Isabel ás montanhas da Judéa; e lá vae percorrendo as montanhas aquelle *lyrio dos valles*, como diz o Esposo dos Cantares: «Levanta-se, apressa-te—diz elle—, querida minha, pomba minha, e vem: já passou o inverno e a chuva cessou e se acabou. Aparecem as flôres na terra, chegou o tempo da poda, e ouviu-se na nossa terra a voz da rola: a figueira produziu seu fructo, e as videiras em flôr espalharam suave aroma: levanta-te, querida minha, formosa minha, e vem. Pomba minha, nas aberturas da rocha, nos reconcavos da encosta, mostra-me o teu rosto, faze-me ouvir a tua voz, porque a tua voz é suave e o teu rosto é bello.» Assim diz o poeta do livro dos Canticos, prevendo o que succederia muitos tempos depois.

Apenas a Virgem chegou a casa de sua prima e a saudou, no ventre d'esta saltou de prazer o menino que n'elle tinha, e ella inspirada pelo Espirito Santo disse em altas vozes: «Bemditá és tu entre as mulheres, e bemdito é o fructo do teu ventre. E d'onde mereci eu que a Mãe do meu Senhor me venha visitar? Tanto que a voz da tua saudação chegou a meus ouvidos, saltou de prazer o menino em meu ventre. Bemaventurada tu que creste, porque se fará em ti o que te foi dito pelo Senhor.» Então Maria, transportada de prazer porque ia a ser a Mãe do Senhor do Universo, porque ia a ser a co-redem-

ptora da descendencia d'Adão, e entre-via que a humanidade agradecida a havia de abençoar, rompeu n'esse formoso cantico—a Magnificat—que desde então todas as gerações teem repetido, tanto nas venturas como nas adversidades, tanto no palacio do nobre como na choça do mendigo, tanto nos povoados como nas solidões, tanto nos templos do Deus Vivo como nos pincairos das montanhas e nas quebradas dos valles. Este foi o canto da rola que o Esposo dos Cantares diz ter sido ouvido em Israel. E foi a sua presença e a do Fructo do seu Ventre que fizeram que Santa Isabel em altas vozes lhe chamasse *Bemditá entre as mulheres*, e que São João exultasse ainda no ventre materno. «Dize-nos, João,—exclama São João Chrysostomo—, porque, estando ainda encerrado no ventre materno, vês e ouves o que se passa fóra? porque saltas e exultas?» «Um grande mysterio ha aqui,—responde o Baptista—, que está acima da humana comprehensão. Eu innovo a natureza por causa d'Aquelle que ha de innovar o que está acima da natureza. Vejo, apesar de estar ainda no ventre, porque vejo tambem no ventre o Sol da Justiça. Ouço, porque hei de ser a voz do Grande Verbo. Exclamo, porque contemplo o Filho Unigenito do Padre tomando carne humana. Exulto, porque vejo o Creator do Universo tomar nova forma. Salto, porque vejo que o Redemptor do mundo tambem tem um corpo. Precedo a sua vinda, e de certo modo vos precedo em o confessar.»

Mas como o precedeis, como o confessaes? Continua ainda o Baptista a responder pela boca de São João Chrysostomo: «Sairei,—diz elle—, d'este tenebroso tabernaculo, prégarei um compendioso conhecimento de cousas admiraveis. Sou um signal: significarei o advento de Christo. Sou uma trombeta: declararei que o Filho de Deus incarnou. Soarei como a trombeta, por isso abençoarei a lingua paterna e a obrigarei a fallar. Soarei como a trombeta, e vivifarei o ventre materno. Já chegou—continua São João—Aquelle que quebra as prisões: e para que estou eu preso e fico aqui? Veio o Verbo para tudo estabelecer, e eu ainda aqui fico detido? Sairei, correrei adeante d'Elle, e prégarei a todos: *Eis aqui o Cordeiro de Deus, que tira os peccados do mundo.*»

Já podereis entrever, caros leitores, o motivo principal da visita que a Virgem Maria fez a sua prima Santa Isabel. Para que Jesus-Christo começasse a prégar a sua Doutrina era necessario um homem que o precedesse, que o apontasse ás turbas, que preparasse os seus caminhos, e por isso lá no deserto sóa uma voz que muitos tempos antes já ouvira Isaias, e essa voz brada-

va: «*Poenitentiam agite*—fazei penitencia, porque se aproxima o reino dos Ceus.»

Este homem que assim precedia a Jesus-Christo, e vinha preparar os seus caminhos, precisava de ser santificado, e com effeito o foi no ventre materno; e de tal modo foi cheio de graça que o proprio Jesus-Christo confessou que *entre os filhos das mulheres não appareceu outro maior que João Baptista.*

Este foi o principal motivo porque o Espirito Santo moveu a Virgem a ir visitar sua prima, e a estar com ella quasi tres mezes.

C. D. Grillo.

SECÇÃO CRITICA

O Liberalismo é peccado (1)



CABO de ler o formoso e mimoso livrinho do presbytero D. Felix Sardá y Salvani. E' um dos melhores que tem produzido este seculo, seculo manchado com tantissimos volumes, escriptos ao clarão nefasto das labaredas infernaes, com penna extrahida das azas do anjo decabido.

Honra pois ao illustrado e virtuoso auctor da «Revista Popular», que desferindo um raio de luz consoladora na cerração em que nos iamos sossobrando, attingiu nortear-nos com a sabedoria emanada de seus vigorosos pensamentos, e affirmar-nos á laboa de salvação, com apontar-nos a oração como arma de fina tempera, que ha dado mais victorias á Igreja que a espada de seus capitães e a phrase de seus controversistas. Salvani collocou-se honrosissimamente na pleiade dos benemeritos da humanidade. A redacção da «Ordem» fez eximio serviço á patria com a vulgarisação d'um volumezinho, que levará os povos, não á revolução, mas á reformação, accentuando solidamente muitos principios que iam deslizando em olvido.

Leitor, és christão? Bem sabes pois que para salvares-te has mister de conhecer o catholicismo. Leitor, és cidadão? Fica pois entendendo que como Alexandre manuseava Homero, careces compulсар o livrinho de Salvani, para que possas servir condignamente os teus interesses, os da tuá familia, os da tua patria, os do teu Deus.

Por todas as mãos deve de continuo passear o mimoso livro; mas para o clero deveria por certo ser um socio de cada hora, um prestimoso vice-vademe-

(1) Já aqui fallamos d'este livrinho quando accusamos o exemplar que o seu illustrado editor hespanhol nos enviou.

(Nota da redacção.)

cum. Não exageramos. Auctorisam-nos a estas affirmações peremptorias o decreto da sagrada Congregação do Index, que NADA encontrou no livrinho contra a sã doutrina, e o proceder do Sancto Padre que, no dizer da «Civiltá», o acolheu com muito agrado. Parabens a Salvini, parabens á «Ordem».

M.

Que será um deista?

Não é intenção nossa offender as crenças de pessoa alguma. Vimos unicamente expor a nossa humilde opinião a respeito das nossas crenças religiosas perante aquelles que, de boa ou má fé, defendem ou pretendem defender o absurdo deísmo.

Começemos: e não enfadaremos com prolixidades.

Não podemos atinar com o que seja crer na existencia d'um Deus omnipotente, Creador de tudo, e não acreditar na d'um inferno; crer n'um Deus premiador, e não n'um Deus julgador; crer n'um Deus Pae, e não n'um Deus Senhor; crer na existencia d'um lugar destinado a gozos eternos, a que se chama Ceu, e não acreditar na d'um lugar destinado a penas eternas, a que se chama inferno; crer, finalmente, na existencia de Deus, e não acreditar nem na possibilidade da do diabo.

E não podemos atinar, porque não sabemos o que é um deista.

O que é um deista?

Vejamos se respondemos:

Com relação a crenças religiosas, — Deus nos perdõe se erramos, — um deista não é nada, absolutamente nada! O atheu... é alguma coisa, porque é a negação de tudo; mas o deista, que reconhece — diz elle — a existencia de Deus, e lhe nega a Omnipotencia quando não admite o em que não crê... é uma coisa inclassificavel, porque «o crente não fica em meio... ou crê tudo ou nega tudo,» razão porque o deista não é coisa alguma.

Tambem não percebemos o que quer dizer crer em Christo, e não acreditar no que Elle ensinou a seus Apostolos. E não o percebemos pela mesma razão: isto é, por não concebermos nem admitirmos meias crenças.

Ou se crê que Sim, ou se crê que Não. Absoluto Sim, ou absoluto Não. Mas como tudo que vemos e vemos nos leva a crer que Sim, porque se nega metade?

Negar metade em materia de crenças do Christianismo, é o mesmo que negar tudo, porque em taes circumstancias não ha meio termo: nunca o houve nem o hade haver, a não ser que se

não emprehenda a stultissima empreza de negar toda a Sagrada Escripura.

Mas comprehende-se:

A metade que se nega é a que mais incommoda... e por isso não admira.

Nega-se a existencia do inferno, e, por consequencia, só se espera a bem-aventurança, faça-se o que se fizer, diga-se o que se disser, negue-se o mais que se negar, comtanto que se diga: Ha Deus, e Deus é summamente bom.

Não está má! Ha Deus, e Deus é summamente bom, motivo porque calquem os seus preceitos não crendo em grande parte das verdades que nos revela!

Eia, pois, sectarios do deísmo, regalae-vos á vontade que o Ceu vos aguarda infallivelmente. Não temaes nada, que Deus é omnibenigno!

Sim, Deus é summamente bom, e por ser bom nos exalçou as mãos do solo fazendo-nos á sua semelhança, dándonos o raciocinio e o conhecimento do bem e do mal, pondo-nos assim na plena liberdade de seguir este ou aquelle, mas impondo-nos todavia o sagrado dever de praticarmos o bem, todo o bem possível, e o de, reconhecidos, O louvarmos e adorarmos sobre todas as coisas da terra.

Sim, Deus é bom, mas segundo toda a sua doutrina, é bom para os que observam os seus preceitos.

Sim, Deus é bom, mas tanto tem de indulgente para os bons, como de justiceiro para os maus.

E se assim não fôra, não seria justo; e não sendo justo, não seria bom; e não sendo bom, não seria Deus.

Não ha inferno, diz o deista, porque Deus é bom, porque Deus é Pae.

Mas Jesus Christo disse a seus Apostolos pouco antes da sua gloriosa Ascensão:

Ensinae que aquelle que tiver fé, será salvo; mas que aquelle que a não tiver, será condemnado.

A não haver inferno, para onde que-riera Christo mandar os condemnados, snr. deista?

Deistadas.

Além d'isto, o Evangelho está repleto de irrefragaveis provas da existencia do inferno; mas... horrorisa, não convem crer n'elle.

Diz mais o deista que a confissão não fôra obra de Christo, mas Jesus disse um dia a seus Discipulos que «os peccados que elles perdoassem ou relivessem na terra, seriam perdoados ou retidos no Ceu.»

E como isto não pode negar-se, perguntaremos ao sr. deista:

Como é que os Discipulos de Christo, presentes, passados e futuros, poderiam perdoar ou reter peccados sem d'elles terem conhecimento?

Naturalmente á tóa, estupidamente ás

escuras e por atacado! Mas nem assim, sr. deista!... Aonde estava o perdoavel ou o retivel?

Deistada sobre deistada.

E todavia, apesar de todos estes e muitos outros absurdos gigantescos, o astuto deista é talvez mais nocivo aos povos menos instruidos do que o franco atheu; por que, emquanto este nega abertamente tudo... inclusivè a si mesmo, nega aquelle, com mais ou menos astucia, uma parte indispensavel ao todo, o que, com o andar dos tempos, facilmente conduz ao bruto materialismo. E do materialismo ao atheismo... pouco ou nada dista.

O fim é o mesmo; mas, como disse-mos, o deista é talvez mais prejudicial aos povos do que o atheu, por que, enquanto este nega, aquelle afirma, embora em parte e erradamente, sendo que poucos seguem o atheu, e muitos talvez o deista... uns por miseravel commodidade, outros por pyramidal ignorancia.

Mais uma pergunta, e ponto:

Porque será que tanto o cego atheu como o stulto deista e companhia, não deixam crer quem quer crer?

Não nos cansaremos pela resposta.

E' porque até n'isso lhes ia a pratica d'uma virtude.

Fig. dos Vinhos.

Alves d'Almeida.

A necessidade da educação religiosa

A PROPOSITO DO COLLEGIO DE SANTA QUIERIA

I

BOA educação religiosa devèra ser o edeal constante, de todos os que se prezam de catholicos. Para nos convenceremos da veracidade d'esta affirmativa, basta considerar por um momento o quadro letrico da geração coeva.

Dia a dia a perversidade se allastra n'uma profusão desoladora e pungente, qual lava candente e borbulhante de vulcão ingente, cuja cratera mephitica estalasse no coração do universo.

Dia a dia a esphinge audaz da descrença fende novas estreias atravez dos paramos nevolentos do erro. Assistimos ao esphacelar da sociedade.

Os governos, com o labaro da liberdade na vanguarda, a tentear-lhes as manobras, põam o grilloam o catholicismo, que mesmo entre a sanha das perseguições, reverbera perennaes refulgencias. Ao passo que pregoam a liberdade d'associação, votam ao exilio as ordens religiosas, cuja benemerencia, já agora, será eviterna. Prestam cynica-

mente, o braço protector da lei, á devassidão, que a impiedade içou ao solio de rainha. Proclamam o ensino atheu, e arrancam das escolas a imagem meiga e civilisadora do Crucificado.

Pelo seu lado, tambem faz o que pode, a imprensa venal e prostituida, desde que tisonou e ensovalhou no ceno do tremedal, o seu mandato, nobre, augusto e civilisador. Devéra ser a candida pomba, que desprendesse da albitante simbria da sua plumagem o rocio refrigerante da verdade, mas, metamorphoseada em ave noturna, adeja vôos de coruja junto ao marnel immun-do do erro, e da corrupção. Como ella moureja afanosa na missão ingloria de deschristianisar o mundo!

O jornalismo, no artigo de fundo, no folhetim, na local e no annuncio, compraz-se em desdobrar o sudario impudico de todas as miserias sociaes, colhido por ventura no fundo dos prostibulos. Gargalha apodos e baldões sobre a religião da Cruz. Despeja a flux o vitriolo da calumnia sobre a honradez intemerata. Uma densa nevoa embaciou o fanal de Guttemberg. Hoje a imprensa hypocrita occulta sob as lentejoulas da forma brunida, o veneno letthal da substancia. É a gralha hedionda enfeitada com pennachos de pavão.

As intelligencias geniaes, que poderiam estender a mão aos povos e levantall-os da jazida que os devora, burilando-lhes no espirito, e deas moralisadoras, nada mais fazem do que refo-cellar'os no vicio. As suas obras são outros tantos certificados da lepra que vitlma esta epoca, tão artisticamente galvanisada á superficie.

Á arte tambem cabe collaboração importante, na grande obra do derrocamento social. Teve um periodo aureo, quando era crysol esplendente onde se aprimorava a belleza edeal. Mas hoje que a bafagem esterilizador da descrença tambem a esbate, desfinha estiolada. Em outras eras, a arte tinha em todas as suas manifestações um caracter de verdadeira religiosidade.

Era religiosa, quando reboava sob as naves dos templos em harmonias sonoras. Religiosa, quando se ostentava sob o prisma das côres em delicadas miragens. Religiosa, quando pannejava o ouro, a prata ou os marmores em vividas estatuas e urifscos ornamentos. Religiosa, quando cinzelou o granito em cathedraes e templos cujas torres arestas e agulhas fendem as nuvens até ás planuras do firmamento, como do peito dos crentes se evolvem para o seio do Infinito, as preces encendradas no foco do amor divino.

Miguel-Angelo, vibração terrena da arte diyina, Raphael, prodigio de mimo e suavidade, Murillo, cambiante como o formoso anil do céu da sua llespanha,

Leonardo de Vinci, esto exuberante e sublime de todas as artes, e tantos outros não menos illustres nem menos electrizados pelo raio ardente da inspiração, ennastraram de perolas o seio diamantino da Igreja Catholica. Inundaram de maravilhas ineditas a epopea grandeza da arte. Constellaram de glorificações estrepitosas, o Pantheon de celebridades immorredoiras.

Mas que lancinante magoa não sente o catholico, que contempla a arte hodierna! Já não se embebe na maga luz do santuario; já não rescende a poesia da creença; já não ascende até ás regiões onde a aguia estadea o seu paio; já não liba no calix do Infinito o nectar da inspiração. Essa fada donairoza d'outros tempos, lança hoje para bem longe de si, a religião, para se esponjar á vontade, no almargem.

Compraz-se em contornar a nudez lasciva. É o espelho da sensualidade. É o fermento das paixões na pyra do debóche.

Consideremos ainda a classe trabalhadora, que sem duvida é uma roda valida do machinismo social.

Na generalidade, o operario d'hoje é indifferente ou atheu. Para a religião tem no coração o desprezo e nos labios o motejo. Não conhece o sentido da palavra—dever—, e dissemina o magro pão dos filhos e da esposa, nas sordidas orgias da taberna e no lubrico leite do alcouce. Vem Proudhon e segreda-lhes que a propriedade é um roubo atroz; Fourier, Owen e Cabet proclamam o respeito a todas as paixões, a egualdade omnimoda, o comunismo absoluto, e eis o operario feito petroleiro, assassino, e revolucionario, só para attingir esse eden sonhado por entre as utopias dos seus agitadores.

Mas basta. Não é necessario concluir o esboço para se inferir a morbidez da nossa epoca. A nau da moral vae a ponto de submergir-se; as maretas anaçadas da impiedade cahem-lhe no convez com o peso de avalanches.

II

Cabe á parte sã da sociedade soltar o grito de alárme. Aos catholicos corre o dever de fulminar um anathema vibrante, contra os desvarios hodiernos, puir as armas e lutar de frente com aquelle ardor e enthusiasmo, que converteu o Apostolo das gentes, no raio do paganismo. Seja o catholicismo, o abutre, que rasgue e retalhe o figado d'esse Prometheo da descrença devassa. Urge contrapôr o limpido arroio da virtude, á caudal revolta do vicio. Mas como operar essa contra corrente? como levantar um antemural granitico a esse rolar vertiginoso?

Eu diria, que a educação religiosa pode ser alavanca de Archimedes capaz de solevantar o mundo.

A geração adulta finar-se-ha como tem vivido, na ausencia de Deus e da verdade; porque os troncos robustos partem mas não vergam. É a geração infantil que deve proporcionar-se a alva tunica da creença, porque a juventude d'hoje é a urna mysteriosa do provir, é o livro sellado do futuro. Deposite-se o rocio primaveral da virtude n'esses corações virgens, que trahbordam effluvios de innocencia.

Esses sentimentos religiosos, gravados pelo buril da educação no espirito embrionario das criancinhas, que mais tarde hão-de timonear a barca social, serão broquel de salvação na luta terrível contra o vicio. A educação haurida ao bafejo da religião, na alvorada da existencia, é fanal que não mais se extingue.

Pode bem acontecer que as negaças fementidas do leite e da descrença, façam deslizar do verdadeiro trilho o espirito bem formado, mas lá fica a insubornavel consciencia a gottejar absintho sobre o pomo prohibido.

Quando falta a educação religiosa, falta a base da personalidade moral do individuo, que é condição indispensavel para o progresso real e civilisação bem entendida.

(Continua)

A. H.

Massonaria



Grande Oriente (Massonico) de Italia em Roma invadida dirigiu um manifesto ás *Sociedades secretas* na Allemanha, manifesto de guerra internacional contra o Papado; a mencionada satanica manifestação tem a data de 25 de outubro de 1886, e fallando dos comícios anticlericaes diz que a guerra offensiva ao Papado «degeneraria n'uma simples agitação nacional sem nenhuma esperança de bom esito se não fosse apoiada pela acção commum de toda a *Francmassonaria* do globo.» A folha *Reichszeitung*, de Bonna, publicou e commentou o maligno documento, e concluiu seu artigo assim: «Tanto melhor! Tanto mais estes inimigos se mostram raivosos contra o Vaticano, mais os catholicos se apertam em volta do Papa.» E digam, que a *Massonaria* é alheia á Religião e á Politica, e que não passa de uma *Associação philantropica!* O *Papado* a condemnou *ab ovo*, e de novo a condemnou sempre que entendeu lembrar a primeira condemnação; na Terra não tem a *Massonaria* um inimigo que

ella mais tema que o *Papado*; de Este diz tudo para ridicularisar Seu Poder, oppéra para o destruir, e depois acha-«O» tão forte que chama a reunião todas as suas forças para que seja *anniquillado*, e o *Rochedo Papal* está firme qual *penedo* resistente dos globos de sabão, *figura* esta semi-nua d'aquella immensa resistencia! A *Massonaria* procurou e ainda procura introduzir-se em todos os elementos sociaes para de tal modo obter a força que por si só lhe seria impossivel adquirir; com tal plano *ganhou* muitas individualidades, mas não logrou nem logrará que qualquer outra collectividade se *substanciasse com ella*; nenhuma outra *sociedade* ou *associação* a teve, nem terá *por boa companhia*, a não ser a *Revolução*, mas esta com aquella antes formam um *tudo*. Se perguntamos: o que tem feito a *Massonaria*, qual a obra que a recommenda? a resposta é: *nada!* sim, *nada de bem*, pois que o soccorro a seus *afiliados*, embora seja a estes materialmente util, torna-se em mal, por isso que mais os prende a uma *Entidade de natureza diabolica*; e quanto ao alludido soccorro material, nem mesmo este tem credito *de generoso*. Que não fôra que a recta razão e esta bastaria para reprovar uma *collectividade*, que dizendo de Si=*ser para bem da Humanidade*=a esta de si *faz segredo*, e nem mesmo a todos os seus desgraçados adherentes se *manifesta toda*. Mas como *Satanaz* descobre por um lado o que cobre pelo outro, a *Massonaria*, obra luciferina, descobre-se por propria mão e do modo mais visivel por isso que faz-se vêr por *suas obras*, alem do que tem sido *descoberto* por seus sequases *arrepentidos*. Quanto mais a *Massonaria* se activa mais perde, embora possa parecer o contrario a cabeças menos meditadoras, embora *ephemeramente* ganhe alguns resultados; o mal enfraquece-se em sua duração, menos o de duração eterna *as penas do Inferno*. Onde a *Massonaria* ganha realmente ou sem remissão é n'aquelles que ella tornou *Seus* e que morrem *asfiziados massonicamente*, que tanto importa como dizer *fôra da communhão da Verdade!* A *Massonaria* investiu-se do *jus vitae et necis* e assim *deixa viver* ou *decreta o morrer* segundo os *interesses de Scita*; manda *executar* uns porque foram por ella julgados traidores, manda *executar* outros porque os julga inimigos. Por tempo a *Massonaria* fallava do *Supremo Architecto*, não não ostentava de *Atheista*; agora já uma parte d'ella se declarou *Athéa*, e a outra *para lá* caminha ou pelo menos tenta reconhecer *um Deus* que lhe Seja *acommodaticio*; tudo isto *sommado dá guerra à Divindade* e ao *Papado* que reprerenta Deus na Terra! Em janciro d'este anno foi escripta e

publicada a seguinte preposição impia, toda de *sabor massonico*: «*L'Italia, regnando Sulla Santa Sede, detterà le sue leggi a tutte le nazioni cattoliche*»—A Italia, reinando sobre a Santa Sé, dictará suas leis a todas as nações catholicas.» Bem se vê de que *Italia* se trata em tal *sentença*, mas digamol-o sempre: da *Italia revolucionario-massonica*, que n'aquella Peninsula está usurpatoriamente *governando*. Tal asserção não é só de um homem mas de todos os homens *massonicos* ou *massonisantes*, e tambem não só na referida quasi-Ilha mas em toda a parte onde posam *massons*, os quaes sam ditos em Portugal *pedreiros-livres*. A *Massonaria* a ditar leis, as *suas leis* que é ainda mais *atentatorio*, à Santa Sé!!! é *cumulo do desacato!* não pôde conseguil-o, mas expressa o desejo, e assim atesta quanto inimiga é da Igreja de Deus, e se assim encarrega de demonstar que é *inimiga* da Religião. *A todas as nações catholicas*, diz aquella *sentença*, pois que nada se importa a *Massonaria* com o que *não é catholico*, e que *por não ser catholico* respeito seu. O *Papado* riria de um semelhante atrevimento se este não significasse o caminho de ruina eterna pelo qual vam os homens d'aquella *sentença*, que é tão *desacatadora* como louca. A *massonaria*, como as outras *Seitas*, tem feito muita ruina individual e social-humana, mas quanto ao *Papado* nem sequer lhe tem feito *beliscadura* e antes *lhe* tem proporcionado, sem o querer, occasiões de *augmento de gloria accidental*; assim tem sido, e não pôde deixar de ser, pois que em Deus não ha mudança: *Ipsé fuit, ipse est, ipse erit in æternum!* Se a *Massonaria* fosse capaz de ser *juizo*, devia ter já reconhecido que é *impotente* para destruir o *Papado* e mesmo *sem poder para dominal-«O»* e ainda *incapaz* é de n'Elle ganhar influencia. Assim nol-o assegura a Doutrina, assim o têm provado os factos por modo *immensamente assignalado!*

Dom Antonio de Almeida.

SECÇÃO LITTERARIA

A oração

Ha dores inconsolaveis
 Dos homens no coração:
 Nas penas incomportaveis
 Que faz o firme christão?
 Como a planta sequiosa
 Que o calix abre, anciosa,
 Para o orvalho receber
 Que esse extremo ardor lhe acalma,
 Elle sabe os olhos da alma
 Co'os do corpo aos ceos volver.

Nas longas horas que, adverso,
 O infortunio escureceu,
 Não ha seio tão perverso
 Que, orando, não busque o ceo.
 Para a triste humanidade
 E' doce necessidade
 A prece que da alma sae:
 Desvelada mensageira,
 Pedir à *patria*, ligeira,
 Divinos auxilios vae.

E' fraco, esmorece o homem,
 N'este seu peregrinar:
 E nas ancias que o consomem
 Ora p'ra forças cobrar;
 E' peccador, é culpado:
 E ora para que apiedado
 Lhe perdôe o excelso Deus;
 Soffre, triste e desditoso:
 E ora porque o Ceo bondoso
 Allivie os males seus.

O' vós, potente Senhora
 Que por mãe nos deu Jesus,
 De afflictos consoladora,
 Aligeirae nossa cruz:
 Do vosso throno celeste
 Sobre este desterro agreste
 Volvei pio olhar a nós;
 N'este pobre e mesto exilio
 Dae-nos vosso ingente auxilio,
 E attrahi-nos, Mãe, a vós!

Porto—junho de 1887.

A. Moreira Bello.

SECÇÃO ILLUSTRADA

I

S. Thomaz d'Aquino, Dr. da Igreja

(Continuado de pag. 186)



SCREVEU immediatamente aos seus dois filhos mais velhos Landulpho e Reynaldo, que serviam nos exercitos do imperador Frederico, e que então se achavam na Toscana, para que por todos os modos diligenciassem prender seu irmão Thomaz, e lh'o remetterssem com boa escolta.

Assim o cumpriram os dois irmãos.

A condessa, que não queria que seu filho abraçasse o estado religioso, tendo-o agora à sua disposição, valeu-se de todos os artificios para o obrigar a despir o habito; rogos, rasões, lagrimas, lisonjas, ameaças, tudo empregou, mas tudo sem proveito.

O santo joven, respondeu-lhe sempre mui respeitosa e modestamente, mas com toda a firmeza, que Deus era o seu primeiro e soberano Senhor, e que a sua voz era mais forte que a da carne e do sangue; e visto que elle o chamava para a religião, pedia aos seus paes que lhe não pozessem obstaculos. Vendo que nada adiantava, a condessa

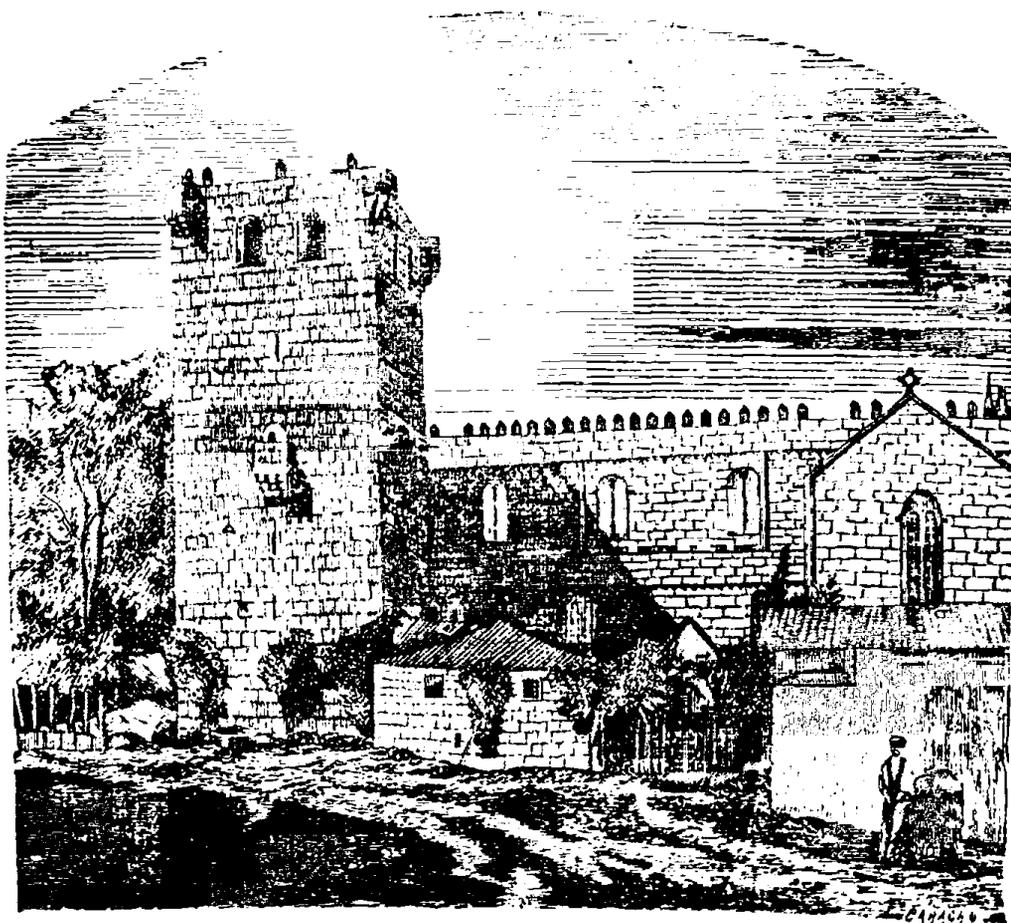
sa encommudou a empresa a uma filha sua, dama de singularissimo respeito, fando da sua discrição, da sua arte e das suas lagrimas o triumpho sobre a resistencia de Thomaz; mas este como adquiria todos os dias novas forças, recorrendo á oração, sustentou o rude ataque com tanto exito, que longe de entibiar no fervoroso empenho de se manter no estado que elegêra, persuadiu sua irmã a fazer-se tambem religiosa,—o que ella realisou pouco de-

abrandal-o por meio da sensualidade e do deleite; e discorrendo que Thomaz perderia a vocação no mesmo instante em que perdesse a graça; introduziram no quarto da torre uma joven corteza, a mais desaforada e atrevida que havia então.

O ataque foi violento e o nosso Santo conheceu toda a força do perigo. Levantou o coração a Deus, implorou o auxilio de Maria; e como não podesse fugir, pegou n'um tição do fogareiro, e

Souberam os frades da sua Ordem o que se tinha passado; e encantados com uma tão heroica perseverança, acharam meio de o ver e de o consolar, e levaram-lhe um habito.

A mãe, recordando-se então do que tinha sido predicto de seu filho, não quiz oppor-se mais aos designios de Deus; e fingindo ignorar as medidas que se tomavam para lhe dar a liberdade, consentiu que o descessem por uma janella da torre.



MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE LEÇA DO BAILIO

pois no convento de Santa Maria de Capua, onde foi abbadessa e veio a morrer santamente.

A victoria que o nosso Santo conseguiu de seus irmaos, não foi tão vantajosa nos effeitos, mas muito mais custosa.

Tendo voltado do exercito, Landulpho e Reynaldo, aconselhando-se unicamente com o orgulho e com o espirito de soldados, quizeram levar o negocio a viva força. Encerraram Thomaz na torre do castello, arraucaram-lhe o habito, fazendo-o em mil pedaços, e tentaram cançar a sua perseverança com o rigor de inhumanos tratamentos.

Achando-o inflexivel, resolveram

assim poz em fuga aquella desgraçada. Pasmado só com a ideia do perigo, riscou com o tição uma cruz na parede, e prostrando-se diante do Senhor, que lhe dera a victória, fez voto de perpetua castidade.

Não tardou o Senhor em recompensar a generosa fidelidade do seu purissimo servo; porque tendo adormecido, sentiu que durante o somno dois anjos lhe apertaram os rins com um cingulo, em signal do dom de pureza que lhe communicava. Desde então, como elle mesmo attestou pouco antes da morte, nunca mais sentiu os molestos estimulos da concupiscencia.

Vendo-se livre, depois d'uma prisão de quasi dois annos, voltou para o convento de Napoles, onde foi recebido d'aquelles padres com a alegria e os applausos que mereciam a sua virtude e perseverança. Ahi fez a sua profissão.

(Continua)

II

Mosteiro de Santa Maria de Leça do Bailio

No proximo n.º daremos a descripção d'este historico monumento.

SECÇÃO NECROLOGICA



ESTÁ enlutado um nosso amigo, amigo do *Progresso Catholico*, e um dos seus mais assíduos colaboradores, o Ex.^{mo} Snr. J. C. de Faria e Castro.

Longe da patria, vivendo entre os gelos da Russia, era linitivo ao nosso amigo a companhia da esposa estremecida; Deus, porém, que nem sempre, em sua infinita sabedoria, nos concede os bens que na terra auferimos ou ambicionamos, deixou que a morte erguesse a impiedada mão e cortasse os fios da existencia á esposa querida, á fiel companheira do nosso amigo, deixando-o sem o objecto que lhe era alegria, que lhe dulcificava o travor que a patria longe deixa, fazendo-lhe esquecer o céu formoso do nosso formosissimo Portugal.

Victima de uma pthisica galopante, diante da qual foi impotente a sciencia dos mais celebres medicos da Alemanha, desprendeu-se dos braços do esposo, do amigo no dia 28 de abril, data que aqui memoramos, para que nossos leitores não deixem de orar pela esposa do nosso amigo com a fé e boa vontade de bons christãos.

Ao nosso amigo a expressão sincera do nosso mais fundo pesar.

Cobrem pesado crepe mais dois amigos e leitores do «Progresso Catholico», a Ex.^{ma} Snr.^a D. Candida Philomena Pinto Caldas, e o Ex.^{mo} Snr. Marcelino Augusto Pereira Pinto, do Porto, pelo fallecimento de sua mãe a Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria Emilia Pinto Leão, occorrido a 28 de maio.

Era a finada senhora uma verdadeira religiosa, amiga dos pobres, e aos pobres deixou o que pôde deixar. Fortalecida com o Pai dos fortes, assistida durante a penosa molestia do Rev.^{mo} Padre Guerra, jesuita, e tendo por companheira constante uma Irmã de Caridade do Collegio das Aguas Ferreas, que, com o sorriso que voeja sempre nos labios dos anjos da caridade, com a meiguice e zelo que nunca as abandona, era balsamo, consolação, lenitivo aos muitos soffrimentos que a piedosa senhora soffria.

O seu enterro foi imponente, porque foi um enterro religioso; foi o cadaver levado processionalmente para o cemiterio da Lapa pelas varias corporações a quem a finada contemplara em seu

testamento, e foi por isso um enterro novo para o Porto, costumado a ver a imponencia d'um sahimento funebre no maior numero de quadrupedes que puxam os trens. E ladeavam o feretro duas Irmãs de Caridade, com os seus habitos, que só deixaram o cadaver da sua amiga na ultima jazida.

Este ultimo facto deve apontar-se a alguem de Guimarães, que se amedrontou em ver as Irmãs Hospitaleiras acompanhar o enterro de uma sua Irmã.

Enviando sentidos pesames aos consertados filhos, enviamol-os mais especialmente á nossa amiga a Ex.^{ma} Snr.^a D. Candida Caldas, que sabe ser nossas as dôres que alligem o coração de todas as pessoas amigas.

Aos nossos leitores pedimos as costumadas preces pela piedosa senhora, pela mãe dos pobres, cuja morte sentimos.

Victima da sua ardente caridade, de uma dedicação que ultrapassa as raias do heroismo, falleceu no dia 5 do corrente, no convento das Trinas, em Lisboa, a Irmã Seraphina de Jesus, em todo o vigor dos annos, quando todas as suas Irmãs lhe esperavam uma vida longa.

E de que morreu a pobre Irmã? Da sua ardente caridade, da mais sublime dedicação, como já dissemos.

Duas pessoas, pobres, doentes e sem ter quem as tratasse, imploraram a caridade das filhas da penitencia e lá foram duas, tratar d'uns doentes sem esperanza de cura, e ainda mais, de uma doença contagiosa. E eram pobres os doentes, tão pobres que nem tinham com que sustentar as boas Irmãs, indo-lhe da casa geral o sustento. O mal communicou-se ás duas irmãs, e estas cahiram doentes, morrendo uma d'ellas, a Irmã Seraphina de Jesus; mas apesar d'isto, lá foram outras duas occupar o posto das outras, e isto, notem senhores inimigos das Irmãs de Caridade, sem outra recompensa que aquella que esperam no Céu.

Quem é capaz, n'este seculo em que tanto se falla em philantropia, em que tudo são obras de caridade, mas de caridade ao estampido de foguetes; quem é capaz, repetimos, de praticar um acto de tão generosa caridade, como este que aqui narramos?

Não saberá d'estes factos a redacção da *Voz do Christão*, para o communicar aos escrevinhadores de Mathosinhos, inimigos das Irmãs de Caridade? Porque o não diz ao *Monitor de Bouças*, não na *Voz*, porque ficaria mal andar ás cristas duas redacções amigas e...; mas ao menos em conversas amigáveis, em familia, era lêr-lhe d'estas noticias.

Oremos todos, bons leitores por alma

da Irmã Seraphina de Jesus, da martyr, da heroína, da mulher, que ensina com o exemplo a praticar as virtudes do christianismo, a mais amada, a mais estimada por Jesus Christo—a caridade exercida em prol dos pobresinhos. Oremos pela Irmã Seraphina, para que ella no Céu se lembre de nós, e de todas as suas Irmãs, para que, com rasgos como os que ella praticou, e que são praticados todos os dias, possam levantar bem alto a voz para dizer aos scelerados que as detestam:—Mentis, sois uns infames sem consciencia!

Oremos, pois.

RETROSPECTO DA QUINZENA

NAMOS tentar um impossivel; mas, vamos, que é forçoso cumprir os nossos deveres de revisteiro quinzenal. Mas, caros leitores, que calor! Não ha refrigerio, não ha, nem ao menos, esperanza de que isto mude! Tudo é calor, em casa, na rua, de dia, de noite, ao sol, á sombra; é quente a agua que se bebe, é quente o ar que se aspira, é tudo calor, mas um calor de queimar! Uma desgraça, um açoitado da providencia!

Dias de neve, dias de neve! Como eu vos adoro, e como vos desejo!

Mas vamos ao retrospecto:

Um deputado, que a patria devera ter deportado, por utilidade publica, dizia ha dias na camara, fallando da Concordata e de frades:

«que para conservarmos o Padroado na amplitude da Concordata de 1857 era necessario fazer muitas despezas, ou restabelecer, para o desempenho das missões, as Ordens Religiosas. Por este preço, porém, (com Ordens Religiosas, diz o antifrade) estimava antes que o Padroado se não conserve em toda a sua antiga extensão.»

Este pae da Patria, chama-se Antonio Augusto d'Aguiar.

Não são assim todos os deputados, como se mostra, com a leitura da seguinte lei, votada pelo parlamento do Canadá, lei que foi apresentada pelo deputado Mercier.

Ora leia isto o tal Aguiar, e todos os inimigos de frades, jesuitas, e, por tanto das grandezas, das prosperidades, das glorias da nossa Patria, que só foi grande emquanto teve frades que lhe sustentaram o seu poderio ultramarino.

Leia-se, e aprendam:

«Considerando que os reverendos padres da Companhia de Jesus pediram para serem constituídos em corporação, e que é opportuno constituir esta comunidade religiosa em collectividade publica, como as outras comunidades

religiosas d'esta provincia; S. Magestade, conformando-se com este parecer e com a approvação do parlamento de Quebec, decreta o seguinte:

1.º «A Companhia de Jesus» será uma corporação composta de todas as pessoas que actualmente pertencem ou de futuro pertencerem a esta Companhia, de harmonia com as suas regras, estatutos e regulamentos. Terá, sob o nome abaixo designado, successão perpetua. Terá o direito de usar um sello commum, alteravel á sua vontade, e de comparecer em juizo do mesmo modo que todos os cidadãos. Poderá possuir, aceitar e adquirir, por titulo legal, propriedades mobiliarias e immobiliarias que poderá vender, hipotecar, ceder, alugar, transportar, trocar, ou de que poderá dispor por qualquer titulo, comtanto que a renda annual dos immoveis possuidos pela Companhia não exceda trinta mil piastras.

2.º A corporação não terá direito de possuir e conservar, em virtude do presente acto, estabelecimentos de educação senão nas dioceses de Montreal e d'Otawa e na diocese dos Trois-Rivieres.

3.º Esta corporação será governada segundo as suas regras de communidade, e terá o direito de fazer e passar estatutos, regras e regulamentos relativos á administração dos bens, á direcção, regimen interno, eleição, numero e poder dos seus empregados e directores, á admissão e sahida dos seus membros, e geralmente a todos os regulamentos relacionados com o fim da corporação.

4.º A sôde da corporação será na cidade de Montreal. Poderá mais tarde ser escolhido um outro logar n'esta provincia, para regulamento da corporação, nos limites actuaes das archidioceses de Montreal e das dioceses dos Trois-Rivieres.

5.º Esta corporação poderá nomear empregados, procuradores ou administradores, e definir-lhes os seus poderes. As assignaturas do Superior da Companhia n'esta provincia, ou do procurador do seu estabelecimento são authenticas para todos os negocios legaes.

6.º O presente acto principiará a vigorar no dia da sua sanctão.»

Isto para os ignorantões que, por desgraça, governam o nosso paiz, deve ser muito engraçado! E riem, porque embora a Patria chore, elles, vão enchendo sempre a barriga.

O correspondente de Braga para o *Primeiro de Janeiro*, do Porto, fallando ha dias da exposição que se prepara no Palacio de Crystal e dos objectos que de Braga irão abrilhantal-a, diz o seguinte com referencia ao collegio da Regeneração d'aquella cidade:

«O collegio da Regeneração é por certo o expositor de tecidos que mais honrosamente representa esta cidade e talvez todo o districto. Todos os trabalhos expostos por este recolhimento são obra das asiladas, raparigas abandonadas que a mão da caridade tirou da degradação e da miseria, pondo-as a salvo de perigo entre as paredes d'aquella casa bem dita, onde lhes é distribuido o pão do corpo e do espirito, fornecendo-se-lhes uma educação inteiramente accomodada á sua condição. Visitamos este estabelecimento que nos inspira verdadeira admiração.

E' uma vasta officina com magnificos teares e diferentes maquinas para trabalhos de mulheres.

A mais escrupulosa limpeza, aceio e ordem por toda a parte. Quando entramos em uma das salas, cerca de 80 asiladas entoaram um lindo cantico, acompanhado a orgão por uma rapariga que ha pouco dera entrada no asilo, era uma pobre que andava mendigando em Vianna do Castello, cheia de fome, coberta de miseria; uma boa alma levou-a para aquella casa, e só depois é que se descobriu que era filha de paes abastados, já fallecidos, e que entre outras prendas sabia tocar piano. Está salva a infeliz; e não será digna das bençãos do ceo e da protecção dos homens uma instituição que tão valiosos beneficios presta á humanidade?»

Formoso! esplendidamente bello! Um quadro assim, tão natural e pintado com tão verdadeiras cores, e exposto no bazar do *Primeiro de Janeiro*, onde por vezes se tem insultado, calumniado as Irmãs de Caridade, tem um valor muito grande, e que hade sempre valer; por isso o archivamos aqui, soltando mais uma vez um—salvè heroínas do seculo desenove!

Como isto é passado em Braga, lembremos ao snr. Padre Albuquerque faça repetir esta noticia na sua *Voz do Christão*, de Mathosinhos, para que chegue tambem aos seus amigos, ou amigos do seu collega da *Voz*—ou filho da *Voz*, o *Monitor de Bouças*.

Escrevem-nos do Funchal:

«A cidade do Funchal, prima pela sua devoção á Rainha dos Céos. Ainda ha pouco li no seu *Progresso Catholico* a descripção da festa e procissão de Nossa Senhora de Lourdes, e já hoje pôde informar os seus leitores que a sympathica devoção do Mez de Maria, tambem não ficou olvidada por este bom povo. Durante todo o mez de Maio, celebrou-se na igreja do Collegio esta tocante pratica, que attrahia sempre um bom numero de fervorosos catholicos, que prostrados perante a imagem da Santissima Virgem auferiam d'esse pleno mar de consolações, as forças e

graças necessarias para transporem com coragem este valle de lagrimas.

Em alguns dias a inspirada voz do nosso amantissimo Prelado, se fez ouvir, sendo sempre a these dos seus sermões as glorias e o poder da Mãe de Deus; n'outros, alguns oradores tambem patentearam o valimento da Santissima Virgem ante seu Divino Filho.

Então, é que, a concorrência era numerosissima, todos avidos de escutar a palavra de Deus, e quando ella sahia atravez os labios de S. Ex.ª Rv.ª, o entusiasmo crescia e todos se sentiam summamente felizes, em quanto se acercavam da cadeira da verdade. A Igreja estava sempre ornada de variegadas flores, que ostentavam grande brilho e tornavam aquelle templo um verdadeiro paraizo. E, não é para admirar, visto que a Madeira pelo que toca a flores excede a qualquer outra parte do mundo. Os seminaristas acompanhados do seu Director Espiritual, assistiram sempre; e uma parte d'elles formavam a orchestra, dirigida pelo seu habil professor de Musica o Snr. Sarmento.

A expensas das Ex.ªs Snr.ªs Oliveas, tias do nosso sempre chorado Arcebispo de Goa D. Ayres de Ornellas, bem como d'algumas outras Damas d'alta sociedade e das esmolos recolhidas durante o mez, se deve o ainda mais uma vez, podermos admirar o fervor dos funchaenses, para com a Mãe de Deus. Terminou esta devoção, no dia 31 de Maio, em que como encerramento houve de manhã missa cantada e sermão, e de tarde prégo o Ex.º Prelado, e houve a costumada benção com o SS. Sacramento.

Havemos de ter sempre noticias de Lourdes para dar aos nossos leitores, aos amigos do *Progresso Catholico*, e aos que o não são, porque tambem ha quem procure ler a nossa Revista sem gostar d'ella; são os que desejam um ferrito de vez em quando, e que sempre o apanham quando deparam certas noticias, como esta, por exemplo:

A peregrinação lyoneza que visitou a Gruta de Lourdes nos primeiros dias de maio, obteve da Santissima Virgem a cura completa de dous enfermos que levou.

A joven Maria Servan tinha perdido completamente a saude em consequencia d'um desgosto que teve. Sollria violentos ataques nervosos, que em muitas occasiões a levaram ás portas da morte, e a deixavam em tal estado de fraqueza que com difficuldade se podia mover. Os ataques repetiam-se com frequencia. Ao chegar a Lourdes pediu á Santissima Virgem em fervorosa supplica lhe desse saude, sendo conveniente, e ao banhar-se na agua milagrosa, sentiu-se interiormente curada. Reco-

brou as forças em pouco tempo e os ataques desapareceram completamente.

A joven Josepha Pélissier adquiriu um rheumatismo articular agudo que foi principio d'uma lesão mui grave.

«Esta doente, dizia o attestado do facultativo, soffre ha annos uma affecção organica no coração.»

Depois de tomar a agua de Lourdes, no dia 13 de maio, desapareceram completamente os symptomas que caracterisavam as desordens organicas do coração. Desde então a joven Pélissier anda sem sentir oppressão, as contracções cardiacas são regulares.

No dia 30 de agosto de 1886 o Dr. Ansaloni attestava que Maria Methisier, de 34 annos de idade, padecia d'uma ulcera chronica no estomago. A doença resistiu aos medicamentos empregados para a combater. No dia 7 de setembro sahio da piscina tão perfeitamente curada, que o seu antigo medico o Dr. Ansaloni, passava o seguinte attestado:

«Eu abaixo assignado, doutor em medicina, attesto que Maria Methisier gosa de completa e perfeita saude.»

A' vista d'isto os incredulos teem de se declarar verdadeiros crentes, ao menos dos milagres operados em Lourdes, e, para o dia em que desejem fazer uma publica declaração de que creem, offerecemos-lhes desde já as columnas do *Progresso Catholico*. E olhem que não fica mal a ninguem confessar as verdadeiras conhecidas por tal.

Em todo o caso vão lendo.

Um nosso amigo de Grijó, querendo reforçar o que constantemente aqui dizemos em louvor das Irmãs de Caridade, communicamos que na sua freguezia, por iniciativa da Associação do Sagrado Coração de Jesus, se estabeleceu um collegio para meninas, filhas dos associados, dirigido por seis Irmãs da Caridade franciscanas, do collegio da Bandeirinha, e que para logo se matricularam 250 meninas. A inauguração tivera lugar em janeiro do corrente anno.

Os beneficios que Grijó e freguezias visinhas auferiram de tão civilisadora instituição devem ser espantosos, porque as 250 creancinhas matriculadas na escola catholica, aprendendo os ensinamentos do christianismo dos labios d'essas intrepidas obreiras do progresso e da civilização, serão outras tantas mulheres que protestem, com o exemplo d'uma vida moldada nos salutaes principios da religião santissima de Jesus Christo, contra os difamadores das Irmãs da Caridade, contra os padres devassos que apostataram do christianismo, contra a escola onde se nega Deus, onde a virtude se desconhece, onde a materia e só a materia impera.

Serão 250 mulheres dignas, que abençoarão e ensinarão os seus filhos a

bemdzizer as suas mestras, as benemeritas Irmãs da Caridade.

Foi agraciado com o titulo de conde de Beiroz, o ill.^{mo} e ex.^{mo} snr. Tristão de Lacerda, assignante e amigo do *Progresso Catholico*, pelo que damos mil parabens a s. ex.^a, congratulando-nos em dar uma tal noticia.

Não é bastante palavras, é necessario tambem o exemplo, porque no exemplo é que vae o principal. Uma prova d'esta verdade temol-a no seguinte facto:

Monsenhor Mermillod, antes de seu doloroso desterro, tinha por costume ir todas as tardes fazer a sua ultima visita á igreja de Nossa Senhora, em Genebra, para examinar a lampada do SS. Sacramento, para vêr se as portas estavam bem fechadas, e para vêr, em fim, se ficaria alguem escondido n'algum canto; por que o seu reccio constante era de que se commettesse algum sacrilegio.

Depois do seu exame dirigia-se ao altar, ajoelhava e beijava o chão, com a mais profunda veneração.

Uma tarde, julgando-se só, levantava-se de fazer suas orações, quando sentiu bulha, e viu abrir-se um confessorio e sair d'elle uma senhora.

—Que fazeis aqui a esta hora, senhora? perguntou monsenhor Mermillod.

—Sou protestante, como sabeis; tenho-vos ouvido em toda a quaresma e tomado sentido nas instrucções que tendes dado sobre a presença real do SS. Sacramento.

Estava convencida por virtude de vossos argumentos; só me restava uma duvida.

Perdoae-me que eu vol-a manifeste. *Crê pessoalmente no que diz?*

E n'esta duvida, vim; quiz vêr com meus proprios olhos, se, a sós, vos conduzieis, a respeito da Eucharistia, como quem crê n'ella; decidida a converter-me desde que eu visse, que a vossa conducta era conforme com a doutrina que ensinaes.

Vim, vi e acredito. Confessae-me, snr. . .

Ora, esta snr.^a é hoje uma das mais fervorosas catholicas de Genebra.

Um simples dobrar de joelho foi bastante para salvar uma alma.

Admire-se a efficacia do bom exemplo, e pensem bem n'elle aquelles que principalmente o devem dar.

Foi transmittida ha dias aos jornaes do Porto, telegraphicamente, porque o caso era de grande importancia, uma noticia que vamos reproduzir:

«A's 11 horas da manhã, na esquina da praça de D. Pedro, entre a rua Augusta e a rua da Bitesga, um rapaz

muito conhecido, o tenente Maldonado, apeou-se de um trem, mandou uma carta a uma casa proxima e disparou um tiro de revolver contra o peito; sendo conduzido em perigo de vida para o hospital. Questões d'amores foram a causa d'este acto de desespero.»

Que valente! que defensor da patria! Ainda bem que os doidos, ás vezes, lhes dá para se tirarem a vida; peor é quando a doidice lhes dá para tirar a vida aos outros. Do mal o menos; matem-se antes, que matar os outros.

O *Independente*, jornal do Caes do Pico, diz o seguinte acerca da morte do professor primario da localidade:

«O professor d'esta villa, ha pouco fallecido, era um ancião cansado, doente, e com familia, que não possuia outros meios de subsistencia além do seu exiguu ordenado, do qual só de mezes a mezes lhe era dado uma pequena parte á laia de esmola.

Ultimamente, pois, o pobre velho, sem meios e rodeado de credores, eslavava reduzido a mendigar, chegando muitos dias a almoçar uma migalha de brôa com fructa, e a jantar (o que nem sempre succedia) um pedaço de pão com queijo, devido á caridade d'um particular!»

Triste, pesadamente triste uma tal noticia!

Os liberalissimos governadores d'estes reinos, ao trancarem as portas do convento, onde o povo tinha instrucção gratuita, principiaram a berrar:—instrucção! instrucção!—mas, costumados a ter nos frades mestres de graça, que nada custavam ao Estado, entenderam que os professores leigos tambem haviam ensinar sem remuneração, e deixaram-nos morrer de fome; mas bradando sempre:—instrucção! instrucção!

N'um paiz como o nosso, onde o dinheiro do povo é para recompensar comediante, para mandar com bolsa recheada ao estrangeiro apparatusas commissões, como ha-de haver dinheiro para pagar ao professorado?

E o povo a pagar, a titulo de instrucção, pesadissimos tributos e os filhos do povo, os pobres, sem terem instrucção, porque esta cada vez se centralisa mais, tornando-se propriedade só dos ricos.

Quem te déra, pobre povo, abertas as portas do mosteiro, que os teus filhos chegariam onde chegam os filhos dos grandes, pois que tinham do claustro á sombra famosas academias, abalisados mestres, e seguro futuro.

Agora tens a fome a matar os mestres e o fisco a lamberte o pouco que tens.

E por hoje mais nada.

J. de Freitas.